

João Vítor Ferreira Nunes¹

*Á*nima e(m) performance:

Cartografia poética da feminilidade

*Á*nima and/in performance:

Pathways in the poetics of femininity

RESUMO

Aqui, o feminino expande-se de forma concreta por meio de comunicações, revelando-se enquanto mote fundante de pensamentos teóricos e ações práticas, de caráter contemporâneo, onde, em seu intenso traçado pela seara das artes da cena a pesquisadora remontou algumas de suas memórias; da infância a tenra idade, bem como as de sua avó Bia Mulato, aproximando as narrativas dos entendimentos propostos por Carl Gustav Jung (2000) acerca da âni^ma. A fim de falar sobre teorias de gênero recorreu aos materiais fomentados pela pesquisadora Judith Butler (2019), especificamente suas falas sobre os padrões heteronormativos e compulsórios, os quais aprisionam os corpos e mentes. É um estudo resultado de trocas retroalimentativas com alteridade, firmadas por meio da Pesquisa de Escuta e Artetnográfica (Lyra, 2015). Pode-se enxergar este material como uma cartografia da feminilidade, onde fora erguido um tripé entre histórias orais, teorias de gênero e âni^ma.

Palavras-chave: Energia Âni^ma; Ritos de Passagem; Pesquisa de Escuta; Performance

ABSTRACT

Here, the feminine expands in a concrete way through communications, revealing itself as a founding motto of theoretical thoughts and practical actions, of contemporaneity. In this context, the researcher in her intense tracing along the path of the performing arts, remounted some of her memories; from childhood to young age, as well as the memories of her grandmother Bia Mulato, bringing the narratives closer to the understandings proposed by Carl Gustav Jung (2000) about the anima. In order to talk about gender theories, thoughts fostered by researcher Judith Butler (2019) are presented for the article, specifically her speeches about heteronormative and compulsory patterns, which imprison bodies and minds. It is a study resulting from exchanges that feed themselves with otherness, signed through my idea of Listening Research and concept of Artetnography from Luciana Lyra (2015). This material can be seen as a cartography of femininity, where a tripod was erected between oral histories, theories of gender and anima.

Keywords: Anima-Energy; Rites of Passage; Research through Listening; Performance

Aqui, o feminino expande-se de forma concreta, revelando-se enquanto mote fundante de pensamentos teóricos e práticos, de caráter contemporâneo, onde, em meu intenso traçado pelas vias das artes da cena apresento enquanto artista e pesquisadora, talvez poeta da cena, resultados das buscas incessantes por figuras femininas que habitam minhas entranhas d'alma, tendo em vista que elas estão presentes nas comunicações performativas *Ainda Sim, Se Parte* (2014), *A ida de Jó ao Submundo* (2015) e *BIA-BOA* (2019). Só foi possível estruturar as comunicações, tendo em vista que elas versam sobre violência contra corpos femininos, devido às opressões vividas por mim, da infância a adolescência, assim como por minha avó materna, Bia Mulato, uma vez que remontei seus ritos de resistência. Este é um conjunto de escritos, vozes e gritos que tenta subverter os padrões de comportamento heteronormativos e compulsórios, os quais aprisionam os corpos e comprometem as vidas. É um material que, além de versar sobre padrões de comportamentos culturalmente impostos, fala sobre memórias e encontros consigo mesma. Antes de nos lançarmos as apresentações das empreitadas em formato cronológico, afirmo por meio do psiquiatra suíço, Carl Gustav Jung (2000), que:

[...] aquele que olha o espelho da água vê em primeiro lugar sua própria imagem. Quem caminha em direção a si mesmo corre o risco do encontro consigo mesmo. E esta é a primeira prova de coragem no caminho interior, uma prova que basta para afugentar a maioria, pois o encontro consigo mesmo pertence às coisas desagradáveis que evitamos (Carl Jung, 2000, p. 30 – 31).

Foi num impulso poético que o feminino, a feminilidade e as mulheres tornaram-se não objetos de estudos para esta pesquisa, mas parte fundamental de uma colcha de retalhos que por ora me aqueço e faço

morada, tendo em vista que elas, uma aliada as outras, formaram um motim a fim de dar suportes para a criação de comunicações performativas. As vozes ecoaram de corpos eventualmente marginalizados e submetidos a subalternidade, sendo as ações tomadas por homens imersos nos padrões de comportamento heteronormativos e compulsórios. Em meio a esta e outras pesquisas, constatei que a compulsão pela heterossexualidade, pelo falocentrismo, assim como a valorização incessante da virilidade masculina, submeteu pessoas à traçados de inferioridade, tendo em vista que esse conjunto de ideários “são compreendidos como regimes de poder” (Butler, 2019, p. 11). Diante disto, sujeitos que se viam dentro dos padrões heteronormativos, buscavam maneiras para controlar outros corpos, como por exemplo, os meninos sempre foram submetidos ao contato direto com sua virilidade, a serem independentes e estarem distantes de sua sensibilidade, enquanto as meninas sempre foram ensinadas, de modo forçoso, a serem dependentes e/ou servirem, como consta nas narrativas da Cinderela, Branca de Neve, Rapunzel. Cabe apontar que essas são atribuições culturais impostas às figuras dos homens e das mulheres, contudo, não encaramos desta maneira, mas sim do tipo oposto, como algo natural, que faz parte da essência do ser. São resquícius da sociedade patriarcal que estamos imersas.

Os meninos/meninas que estavam/estão distantes desses padrões de comportamentos impostos pelo patriarcado, eram/são submetidos/as aos enquadramentos, ou seja, tinham/têm seus corpos violentados, punidos fisicamente e psicologicamente. Vejamos que esses padrões são culturalmente impostos, e partem de lógicas históricas, e, evidentemente, tem se estendido por todos os espaços, segundo Judith Butler. Podemos enxergar atos hegemônicos patriarcais circundando e

limitando os gêneros, sobretudo as maneiras como se expressam em contexto social, e, desta maneira, tentam subverter as várias identidades existentes. Mas como nós, enquanto pesquisadoras, estamos encontrando maneiras para subverter esses atos opressores e limitantes?

Decerto, posso afirmar que eu, enquanto artista e pesquisadora, sigo me alinhando a minha âni^{ma}, ou seja, ao lado feminino oculto que há em minha interioridade, e a fim de aprofundar na temática, parto da perspectiva de Carl Gustav Jung (2000) para falar sobre este arquétipo que influencia em nossa personalidade. Segundo o autor, a âni^{ma} manifesta-se por meio de identificações e projeções, e é comum ela viver desta maneira, embuçada. É uma palavra originária do latim e que significa alma, mas nada tem a ver com o cunho religioso, segundo Jung. No interior das mulheres também há uma dimensão similar a âni^{ma}, mas que carrega o nome de animus, e que também influencia a personalidade, contudo, animus significa espírito. Ambas as energias são retroalimentativas e estão alocadas em nosso inconsciente coletivo, e por este motivo são reconhecidas como algo universal, presente em todos os sujeitos. Integrada a proposição junguiana acerca da âni^{ma}/us, bem como as teorias de gênero fomentadas por Judith Butler, dedico-me a realização da busca por narrativas via Pesquisa de Escuta, cujo objetivo final é estabelecer trocas de saberes, histórias e conhecimentos em contexto de alteridade. A Pesquisa de Escutaⁱⁱ, por sua vez, possibilita que artistas-pesquisadoras passem a destampar ritos que outrora estavam ocultos no universo da saudade das pessoas, como também pode ser estabelecida numa relação íntima consigo mesma, via processo de individuação, e que será reconhecida como uma pesquisa sobre si, onde o sujeito conhecerá seus limites, suas particularidades e totalidade, segundo Jung.

Fora pensando na compulsão pela heteronormatividade e na valorização da virilidade masculina que comecei a dar início aos estudos sobre teorias de gênero, relacionando aos entendimentos sobre a ânima. Passei a erguer tripés de interlocuções que versavam sobre essas problemáticas pungentes em meio social e na seara das artes da cena. A psicologia analítica de Jung me apontou caminhos para possíveis encontros comigo mesma, cuja relação com meu lado feminino sempre foi constante. Enquanto muitas pessoas pensavam que as energias femininas estavam tão somente nos corpos das mulheres e as masculinas nos corpos dos homens, o teórico Jung já vinha apontando que esses fatos eram equivocados. Tempos depois Judith Butler nos reforçou este pensamento.

Na Idade Média, muito antes de os filósofos terem demonstrado que trazemos em nós, devido a nossa estrutura glandular, ambos os elementos – o masculino e o feminino –, dizia-se que “todo homem traz dentro de si uma mulher”. É a este elemento feminino, que há em todo homem, que chamei “ânima”. Este aspecto “feminino” é, essencialmente, uma certa maneira, inferior, que tem o homem de se relacionar com o seu ambiente e, sobretudo com as mulheres, e que ele esconde tanto das outras pessoas quanto dele mesmo. Em outras palavras, apesar de a personalidade visível do indivíduo parecer normal, ele poderá estar escondendo dos outros – e mesmo dele próprio – a deplorável condição da sua “mulher interior” (Carl Jung, 2000, p. 31).

Desde 2013 acampo nos solos das artes da cena a fim de verdeja-los com comunicações performativas. Ligo-me ao meu eu-feminino, e percebo que esta atitude, por si só, é um ato político, tendo em vista que quando criança eu era impedida de me relacionar com tudo aquilo que reconhecemos enquanto feminino. Parto de uma escrita poética, falando de mim e de narrativas de mulheres. Parto também, mas sem volver, de um lugar qualificado como errado, estéril, incapaz de gerar vidas

e sem motivos para ser contemplado. Infelizmente, foi dessa forma que fui mecanicamente ensinada a pensar sobre minha ligação com boa parte das coisas femininas, principalmente o excesso de identificações e projeções oriundas da ânima. De agora em diante, apresentarei as comunicações performativas realizadas ao longo das pesquisas acadêmicas, sempre ligadas ao eu-feminino e as teorias de gênero.

2013: Enquanto graduanda do curso de licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), mais precisamente nas aulas do professor Robson Carlos Haderchpekⁱⁱⁱ, passei a ter contato direto com minha feminilidade via artes da cena durante as realizações de imersões ritualísticas, tendo como base os elementos da natureza; água, ar, fogo e terra. Recordo-me que acessava energias desconhecidas, mas pungentes, e elas permitiam que eu dialogasse diretamente com as figuras femininas que habitavam minha interioridade. Ao longo da disciplina teórico-prática, pude descobrir que estava tendo contato com minha ânima criativa, ou seja, com minha essência feminina a partir das identificações e projeções, que segundo Jung, é comum a ânima viver em nós dessa maneira, bem como o animus nas mulheres. Um pouco assustada e movida por incertezas, resolvi avançar nas pesquisas, mesmo que isoladamente, e assim descobri que,

[...] para atingir esse ponto, um indivíduo precisa passar por longa jornada e peregrinação – muita busca, quase sempre dolorosa, para construir as bases do seu ser e vir a preenchê-lo. Este mistério da totalidade, que tanto é dádiva [...] quanto fruto de grande esforço da parte do homem, é o que constitui o grande tema no mito [...] (Johnson, 1987, p. 18).

Ao fim do semestre, me vi diante de uma figura dócil e naquele instante notei que o feminino em mim gostaria de mais atenção. Aquele foi o gatilho necessário para a dedicação nos aprofundamentos das pesquisas teóricas e práticas, e que envolvessem a psicologia analítica de Jung, sobretudo os entendimentos da ânima, relacionadas às teorias de gênero e sua performatividade na cena e em contexto social. Um conjunto de ideias vieram em minha direção como se fossem intuições, e elas me diziam que eu deveria realizar um trabalho cênico a partir de minhas memórias da infância. Dali em diante, passei a gestar uma pesquisa cênica, e aquele feminino que se revelaria ficou à espreita.

2014: Minha primeira participação em um evento acadêmico, de caráter artístico, Encontro Arcanos, tendo como tema, Sob Sombras e Risos de Dioniso, realizado no Departamento de Artes da UFRN. Logo, deparei-me com uma artista e pesquisadora que, em sua comunicação, falou sobre mulheres e(m) cena, evocando e valorizando figuras femininas. A professora Doutora Luciana Lyra, alguém muito distante de mim, apresentou como se deram seus profundos mergulhos no mar da guerreira Joana D'Arc, mulher francesa que viveu no século XV.

No mesmo ano em que me tornei conhecedora da guerrilha de Joana e Luciana, estava prestes a içar as velas de meu pequeno barco, rumo a minha interioridade, a fim de acampar em zonas desconhecidas por um tempo. Percebi, a partir da comunicação de Lyra, que me encontrava no caminho certo. Foi em meio a tantos embaraços que atravessei fendas, chegando às memórias da infância; memórias essas que as chamo de movediças, justamente por elas serem tristes frente a uma educação

heteronormativa compulsória, marcadas pelo meu pai numa relação densa comigo por eu ser, segundo ele, um sujeito feminino. Infelizmente, venho de uma família onde as mulheres e boa parte daquilo que é feminino sempre foi utilizado como modelo negativo frente à sociedade, e as técnicas adotadas por eles para nos manipular era a violência psicológica e rapidamente a física.

Acabei trazendo para mim um pouco da imensa coragem das guerreiras Joana e Luciana para enfim falar sobre minhas memórias movediças. Peguei parte das histórias que tinha vivido na infância, principalmente as formas como eu era tratada pelo meu pai, e potencializei, transformando minhas narrativas colhidas via Pesquisa de Escuta em repertórios cênicos. Durante a estruturação da comunicação, um misto de sensações tomava conta de meu corpo como um todo, cujo fato de lidar de frente com aquelas memórias me doía. Após quatro meses de pesquisas, veio a estreia do trabalho, e ele fora intitulado *Ainda Sim, Se Parte* (2014), sendo um solo performático resultado de uma disciplina cursada na UFRN, *Indumentária e Maquiagem*, ministrada por José Sávio Araújo^{iv}.

O público, ao entrar no espaço cênico, já dava de frente com uma instalação, onde me encontrava despido, chorando e com uma música fúnebre ao fundo. Quando sentavam, eu iniciava com a contação de minhas histórias da infância, ou seja, de como tivera sido minha vida talhada na violência. Nebulosamente me recordo do texto erguido, e era basicamente assim:

Com aquelas grandes e fortes mãos, ele me dominava por completo. Eu, um corpo de moleque afeminado frágil não tentava qualquer movimento, pois poderia ser fatal. Ele não se importava se de meus olhos

escorriam água salgada, que tanto me lavava como me afogava. O meu corpo era ideal para ele colocar em prática todas as técnicas de poder imaginadas. Eu, a filha mais nova entre cinco, sou a única errada, desenquadrada e que merece ser punida ao longo de sua vida. Carrego em meu corpo algo vergonhoso, seres femininos que me guiam até a punição. Não há como eu me livrar desses seres, elas sou eu! (grifos da autora, 2020).

Enquanto falava o texto e dançava sobre a mim a dor, convidava o público a me vestir, a me maquiar, coisa que frequentemente eu fazia com minhas irmãs e primas, às escondidas. Quando pronta, colocava uma corda em uma das ripas do teto e me enforcava, tirando a minha própria vida. Meu corpo ficava exposto por um tempo, pendurado a corda. Em resumo, posso dizer que o público me arrumou para a morte. No mesmo ano da realização dessa comunicação, vários rapazes de idades semelhantes à minha haviam tirado suas vidas. Eles não aguentaram viver sob o regime heteronormativo compulsório.

Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuais e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente ao corpo masculino, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos (Butler, 2019, p. 26).

Butler, desta maneira, elucida que o feminino não deve ser visto apenas nos corpos das mulheres, pois não se trata de uma questão biológica e que está enraizada no DNA, e que o masculino não deve ser visto

enquanto algo pertencente tão somente aos corpos dos homens. Todos os seres humanos possuem ambas as energias em seus corpos, e isso faz com que sejamos reconhecidas por Jung como seres andrógenos, segundo o junguiano Robert Alex Johnson, tendo em vista que combinamos com ambas as energias, e elas são complementares.

O que, desta forma, estamos culturalmente naturalizando enquanto masculino e feminino? Até que ponto temos que nos limitar e se dedicar a uma só energia? As performatividades de gênero não devem ser levadas em consideração? “Além disso, como identificar, desde a origem, a uma predisposição “feminina” ou “masculina” (Butler, 2019, p. 111). Será que realmente há um conjunto de caminhos naturais que nos leva as identificações de um gênero específico num sujeito, sem que sejam culturalmente impostos? Se sim, quais são esses caminhos?



FIGURA 1: Ainda Sim, Se Parte, Apresentado no Teatrinho da UFRN.
 Registro: Byanca Soares. Arquivo pessoal da artista-pesquisadora.

A partir da iniciativa de fiar minha primeira comunicação, expandi meu imaginário e abri caminhos para afugentar outras figuras femininas que habitavam minha interioridade. O nevoeiro que outrora me

assombrava foi se dissipando pouco a pouco, e avancei nas empreitadas. Avistei nos solos das artes da cena inúmeras potências para a realização de novos atos políticos.

2015: Tive um sonho, muito real por sinal, e eu não era um homem, biologicamente falando, mas sim uma mulher. Encontrava-me numa mata, sob a forte luz da lua cheia, sendo nutrida pela chama de uma enorme fogueira, e eu não estava só. Estava acompanhada de muitas mulheres, e elas cantavam e dançavam ao redor daquela grande chama. Lá, eu era uma força a mais. Lembro-me que no início do sonho eu apenas as observava dançar. Estava em alerta, à espreita. Quando segura de mim, me dirigi para o provocante e colorido círculo. Lá girávamos e dançávamos como se estivéssemos evocando a presença mítica de alguém. Na verdade, tudo aquilo era um enorme ritual de crise de vida (Turner, 2005), e eu estava me encontrando com minha ancestralidade feminina.

A alma, sendo o feminino no homem, possui justamente essa receptividade e falta de preconceito em relação ao irracional, e por essa razão ela é qualificada de mensageira entre o inconsciente e a consciência. Este comportamento feminino desempenha um papel importante especialmente em homens criativos; não é à toa que se fala de concepção de uma obra, de seu nascimento ou da gestação de um pensamento (Emma Jung, 2006, p. 68).

Na mesma semana daquele sonho, fui guiada pela intuição a cursar uma nova disciplina com Robson, Atuação III. Já em sala, o professor nos apresentou a ementa e lá constava que iríamos trabalhar com Teatro Ritual. Era algo novo para mim. Ao longo das imersões práticas, tendo como base os elementos da natureza – água, ar, fogo e terra –, eis que percebi que em meu peito havia uma bolha capaz de unir os quatro elementos e os

condensar, fazendo sua própria alquimia e possibilitando uma pulsão, onde saltou de meu íntimo uma figura feminina que mais parecia uma feiticeira destemida.

Ela era desvairada, fúnebre e imensamente tempestiva. O seu cantar era de imensa tristeza e revolta frente a sua passagem para o submundo. Passei a acreditar que aquele ser ferido, nada mais era do que a junção das figuras femininas que durante minha infância meu pai humilhou, agrediu e tentou expulsar. No contato com aquele eu-ritual, tive a certeza que as figuras que habitam dentro de nós nunca morrem. Na realidade, elas adormecem e ficam a espera e a espreita de um momento para desencarcerar-se. Com isso, vi que os Ritos abriram caminhos para a criação de um Mito, sendo esse de caráter mais pessoal.



FIGURA 2: A Ida de Jó ao Submundo, Apresentado na sala B do Departamento de Artes da UFRN. Registro: Sebastião Salles. Arquivo pessoal da artista-pesquisadora.

Antes do contato com as artes da cena, e de me relacionar diretamente com minhas emoções, com o lado criativo de minha feminilidade, eu havia me colocado, de modo forçoso, pelos machistas de minha família, a partir da educação heteronormativa compulsória, em um

traçado de inferioridade. É como se eu, enquanto ser feminino merecesse ser castigada, tal como via os homens de minha família tratar a mim e as mulheres ao meu redor. Em meu inconsciente, foi plantada e semeada essa informação. Mas, no momento que passei a ter contato comigo mesma via processo de individuação, percebi que não deveria pensar daquela forma com relação a mim mesma, então me dediquei a conhecer um pouco mais daquilo que estava alocado em minhas entranhas d'alma, compreendendo que "o corpo é mais do que "uma espécie natural", é uma ideia histórica" (Butler, 2019, p. 78), e por este motivo é que há tantas maneiras adotadas pelos colonizadores para nos manipular. Aceitar o próprio corpo, compreender tudo aquilo que dele externaliza é também um ato político de sobrevivência, tendo em vista que ninguém deve determinar como devemos ou não performar, segundo Butler. Para Emma Jung,

Quando um homem descobre sua anima e tem de brigar com ela, ele precisa aceitar algo que para ele até então tinha pouco valor – neste caso, não faz muita diferença que a figura da anima, seja ela imagem ou pessoa, aja de maneira fascinante, atraente, e portanto valiosa. Muitas vezes o feminino em si teve até agora em nosso mundo, quando comparado ao masculino, o valor de algo inferior, e somente agora começa-se a se fazer justiça a ele (Emma Jung, 2006, p. 36).

Emma Jung fala da necessidade do contato consigo mesmo via ânima, sua aceitação e aliança em contexto social, mas bem sabemos que a heteronormatividade compulsória exige que nos relacionemos somente com aquilo que é constituído enquanto específico para o sexo biológico, onde os homens devem colocar sua feminilidade em zona abissal, como também o suposto evento de contato com as próprias emoções. Cabe apontar que devemos "repensar as próprias noções de masculinidade e

feminilidade, entendidas aqui como enraizadas” (Butler, 2019, p. 101) e culturalmente construídas e possíveis de serem subvertidas.

Caso eu chegasse a negar o lado feminino de minha personalidade, estaria negando também a minha história, parte de minha existência. Avançando contra as imposições impostas sob meu corpo pelo meu pai, resolvi me aliar a minha feminilidade para tentar me tornar um indivíduo conhecedor de si. É acampando em zonas do inconsciente que nós conseguimos avançar nos percursos da individuação, descreveu Jung, visto que é dessa forma que começamos a ter contato com aquilo que desconhecemos ou pouco nos aliamos. O mais complexo de todo este processo era ter que ocultar minha feminilidade, tendo em vista que ela levava meu corpo a ser alvo de violências. Daquilo que eu não tinha medo nos homens eram apenas as características que me remetiam ao feminino. Eu tinha/tenho medo dos olhares, da forma como falam comigo, de possíveis agressões; tudo que me faz lembrar meu pai. Os homens de minha família tinham o desejo de me fazer como eles, alguém destemido, viril e cortante, no entanto, eu nunca soube o que era ser uma pessoa assim. Padrões sociais, como postos por Judith Butler, acabam por nos circundar a todo instante. Um conjunto de maneiras adotadas para subverter as identidades e performatividades de gênero. Como eu não tinha intenção de ir contra minha ânsima resolvi assumir ela de forma geral, e descobri que há outras possibilidades de ser feminino e masculino.

[...] o homem só tem duas alternativas: ou ele rejeita seu lado feminino, que então se voltará contra ele em forma de maus humores e seduções insidiosas, ou ele o aceita e se relaciona bem com ele. Esse lado feminino faz parte da vida e transmitirá força e entusiasmo ao homem (Johnson, 1987, p. 52).

2016: Me questionando acerca das atitudes de meu pai frente a mim e às mulheres de minha família, tive ciência de que, como ele nunca soube lidar com sua dimensão feminina, acabou por ter dentro de si um ser revoltado por massacrá-la demasiadamente. Segundo Jung, caso um homem não trate bem as mulheres que habitam em seu interior, elas, em comunhão umas das outras, irão se revoltar contra ele, ocasionando maus humores no sujeito. A negação do eu-feminino faz com que criemos relações negativas com as demais pessoas a nossa volta, principalmente com as mulheres, passando a atacá-las, e quem nos aponta isso é o teórico Robert Alex Johnson, em seu livro HE (1987), dizendo:

O homem não é senhor de sua própria casa quando presa dos humores, porque está sendo governado e é impossível viver assim. Também torna-se um crítico mordaz em relação à mulher mais próxima, a que estiver a seu alcance. Alguma coisa lhe diz que aquela mulher, a mulher interior, é perigosa. Por isso critica a sua esposa, claro, por ele nada saber a respeito da mulher que tem dentro de si (Johnson, 1987, p. 59).

Como me encontrava realizando as pesquisas acerca das teorias de gênero relacionadas aos entendimentos da ânima resolvi me aprofundar ainda mais nessa jornada interior/exterior. E, antes de findar meu curso de graduação em Teatro na UFRN, me lancei para o Rio de Janeiro, em busca do colo de Luciana Lyra, na intenção de fazer o mestrado na UERJ, sob sua orientação. Lá, fui abraçada pela mesma, no entanto, não tive aprovação no concurso. Realizei, então, a prova no PPGArC, sendo aprovada e sob sua orientação.

2017 a 2019: Munida por toda força onipresente feminina, dei início a uma jornada que afinou os laços de parentescos entre eu e as/os

Mulatos, membros de minha família, para então homenagear a mulher mais importante de toda ela, Bia Mulato, tendo em vista que foi a primeira de todas a dizer NÃO aos padrões impostos pelo patriarcado. Realizei, por cerca de dois anos, uma pesquisa de mestrado no PPGArC da UFRN, bem como uma jornada intitulada de Artetnográfica (2015), conhecimento esse, cunhado por Lyra, que, segundo a pesquisadora, encontra-se atrelada as estratégias antropológicas contemporâneas de atuação em campo, e que se configura como prática realizada por artistas cênicos ao se deslocarem aos locais onde vivem aquelas que tentam observar, para que nesta interação polifônica e subjetiva, possam fomentar a criação de cenas performáticas.

Os ritos de Bia remontam significativos episódios de ruptura com a educação padrão imposta para os sexos, cuja odisséia aborda temáticas como violência contra o corpo feminino, alijamento e sua prostituição. Integrada a essas narrativas, bem como as proposições junguiana, segui na busca da Bia Mulato que habitava em minhas entranhas ao ser afetada pelos procedimentos de criação da Metodologia em Arte, conceito cunhado também por Lyra, que em resumo trata-se de um

[...] *modus operandi* de criação, [...] por meio da qual o artista participe do processo cênico vincula-se intimamente à produção de sentido da criação. Este *modus operandi* não se constitui uma pré-fixação incondicional de práticas, mas procedimentos de cunhos ritualísticos e míticos, que possam fazer eclodir pulsões pessoais e, concomitantemente, universais dos artistas. O complexo que entrevi, é um caminho que o artista aperfeiçoa o pluralismo das imagens colhidas em seu trajeto (Lyra, 2015, p. 12).



FIGURA 3: BIA-BOA, Apresentado no Teatrinho da UFRN. Registro: André Rosa.
Arquivo pessoal da artista-pesquisadora.

A metodologia permite que a artista-pesquisadora lide com as próprias forças pessoais, permitindo que elas se movam numa relação consigo mesma a partir do contato com a alteridade em retroalimentação. É uma pesquisa teórico-prática que procura dar visão a um Teatro das Profundidades, atingindo as camadas abissais do inconsciente à conscientização dos sujeitos, cuja psique pessoal e coletiva também é mapeada, na percepção inequívoca das margens sociais. Através das

imersões míticas e ritualísticas da Mitodologia em Artes, tendo como base a Alquimia dos Elementos, as Vestes Rituais, o Totem Animal e o Círculo de Objetos viemos, eu e Luciana Lyra, a erguer a comunicação performativa BIA-BOA, sendo o resultado final da pesquisa de mestrado.

[...] se um homem tem um bom relacionamento com a sua anima, com a feminilidade interior, ele é capaz de sentir, de valorizar, e por isso encontrar significado em sua vida, o que não acontece na ausência deste relacionamento. Existe aqui um choque marcante entre as duas espécies de sensações interiores que um homem pode experimentar (Johnson, 1987, p. 55).



FIGURA 4: Bia Mulato, Registro: desconhecido. Arquivo pessoal da artista-pesquisadora.

2019: montada em meu próprio dorso, tornei-me ainda mais andarilha, mas de mim mesma, a fim de desbravar as matas escuras e fechadas que há em meu íntimo, para enfim desvelar, a partir da relação com as artes da cena, figuras femininas que em mim habita. Me aliei as minhas antepassadas para com elas erguer bandeiras da resistência feminina e lutarmos em prol de um mundo melhor para todos os tipos de mulheres existentes. Sigo remontando novos ritos de passagem coletados

por meio da Pesquisa e Escuta e que se encontra em andamento como pesquisa de doutorado no PPGT da UDESC, sob orientação das professoras Doutoradas Maria Brígida de Miranda e Sandra Meyer Nunes. Estou sendo capitaneada por forças femininas, acampando em novas zonas do inconsciente, realizando novos processos de individuação a fim de tornar conhecedora de minha mitologia pessoal. Sobre mitologia pessoal, parto da perspectiva dos pesquisadores Dayvid Feinstein e Stanley Krippner, e ambos os autores nos fala que os mitos não são irreais, nem tão pouco algo fantasioso,

[...] não são lendas ou falsidades, mas modelos através dos quais os seres humanos organizam e codificam suas percepções, sentimentos, pensamentos e atitudes. Sua mitologia pessoal origina-se dos fundamentos do seu ser, sendo também o reflexo da mitologia produzida pela cultura na qual você vive. Todos criamos mitos baseados em fontes que se encontram dentro e fora de nos e nos vivemos segundo esses mitos (Feinstein & Stanley, 1992, p. 16).

A partir dos estudos fomentados por Jung afirmo que ninguém, jamais, conseguirá se distanciar daquilo que realmente é, nem tão pouco conseguirá negar a própria natureza instintiva, e que, num dado momento, toda essa natureza se reunirá e há de levar os sujeitos para os locais mais oportunos e lhes desvelarão suas histórias. Por fim, através desse estudo cartográfico, tive a precisa intenção de apresentar para a leitora, mas principalmente ao leitor, tendo em vista que estes são os que mais se encontram presos aos padrões de comportamento heteronormativos impostos, como foram meus pequenos passos nos campos do inconsciente coletivo. Desvelo que é de suma relevância que os homens se dediquem ao conhecimento de sua ânima, ou seja, seu eu-feminino, para então firmar um mundo melhor para todas as pessoas, sobretudo as mulheres.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão de identidades/17ª ed. Judith Butler; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FEINSTEIN, KRIPPNER, David & Stanley. **Mitologia Pessoal**: a psicologia evolutiva do self. São Paulo: Cultrix, 1992.

GENNEP, Arnold van. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.

JOHNSON, Robert A. **He**: a chave do entendimento da psicologia masculina: uma interpretação baseada no mito de Parsifal e a procura do Santo Graal, usando conceitos psicológico jungianos. Robert A. Johnson. São Paulo: Mercury, 1987.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira de. Caboclos, guerreiras, artistas de f(r)icção: cravos e pérolas d'alma. **Urdimento**, v.2, n. 25, p. 72-83, dezembro, 2015.

STEIN, Murray. **Jung, o mapa da alma**: uma introdução. 5ª Ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

TURNER, Victor. **Floresta de Símbolos**, 2005.

NOTAS

ⁱ João Vítor Mulato é artista-docente em formação, vinculada a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), realizando pesquisa de Doutorado no Programa de Pós-graduação em Teatro (PPGT), Centro de Artes. Área de estudo: Artes da Cena. E-mail: joaovitormulatto@gmail.com. Orientadora: Dr^a. Maria Brígida de Miranda e Co-orientadora Dr^a. Sandra Meyer Nunes. Bolsista CAPES BR. Mestra em Artes Cênicas pelo PPGArC da UFRN e Teatro pela mesma instituição. Licenciada em Pedagogia pela UNINASSAU.

ⁱⁱ Cabe frisar que a Pesquisa de Escuta é um conceito cunhado por mim enquanto artista-pesquisadora, e que se encontra em fase de finalização como pesquisa metodológica de doutoramento no PPGT da UDESC.

ⁱⁱⁱ Artista-pesquisador, professor efetivo do Departamento de Artes da UFRN, ministrando aulas no curso de licenciatura em Teatro e no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas.

ia e Maquiagem, ministrada por José Sávio Araújo

^{iv} Professor efetivo do Departamento de Artes da UFRN, ministrando aulas no curso de licenciatura em Teatro e no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas.

Submissão: 05/05/2020

Aceite: 09/07/2020